

Nyanga polarizou esforços conjuntos

Em clima estival, Nyanga, o centro de preparação militar zimbabueano junto à fronteira com Moçambique, foi quarta-feira centro das atenções na África Austral.

Joaquim Chissano, o Presidente moçambicano, o seu homólogo do Zimbabue, Robert Mugabe, e o Primeiro-Ministro britânico, Margaret Thatcher estiveram no centro para discutir a África Austral, a cooperação intergovernamental, as formas de eliminar a violência e a desestabilização na região.

Para Chissano, o campo de treino de Nyanga deve servir para a cooperação futura das nações que lutam pela paz. Nas palavras de Thatcher, «em única ocasião», três Chefes de Governo reuniram-se com três exércitos combinados, com um objectivo em mente: derrotar o terrorismo em Moçambique.

Desde 1985, instrutores britânicos têm fornecido em Nyanga, treino militar a soldados, sargentos e oficiais do Exército moçambicano, com apoio logístico zimbabueano.

Os três estadistas assistiram no campo militar das montanhas de Manicaland, a exercícios militares executados por 150 recrutas moçambicanos, o grosso da quinta companhia treinada pelos britânicos. Os quatro destacamentos anteriores foram colocados ao longo da linha férrea do Limpopo, ligando o porto de Maputo ao Zimbabue, empreendimento onde a Grã-Bretanha disponibilizou já 29 milhões de libras esterlinas.

Chissano de improviso disse aos recrutas, «viemos ver como é que vocês podem defender o país» para depois acrescentar que «a luta contra os bandidos armados vai para além do combate contra o terrorismo: é uma luta pela paz na África Austral e pela defesa da região».

Ao sublinhar o exemplo de cooperação, Chissano diria: «as armas que aqui foram disparadas são soviéticas. Mas isto não é um problema, apesar dos instrutores serem britânicos. Isto mostra a cooperação entre países».

«O que importa é se elas (as armas) trazem a paz, a justiça e o progresso», sublinhou Chissano.

Thatcher, no que a Moçambique diz respeito, fez declarações cristalinas: «a RENAMO tem de ser derrotada, as suas actuações terroristas têm de ser eliminadas, a sua particular brutalidade impede o estabelecimento da paz e desenvolvimento em Moçambique».

«Conhecemos as enormes atrocidades cometidas em Moçambique pela RENAMO», disse Thatcher mais tarde já em Harare, num banquete em que elogiou o falecido Presidente Samora Machel, pelo seu papel no processo de independência do Zimbabue.

Em sintonia com o cometimento de Thatcher em aumentar a cooperação militar com Moçambique, funcionários britânicos anunciaram em Maputo a concessão de mais 10 milhões de libras esterlinas (11,5 mil milhões de meticais) para apoio à balança de pagamentos, 3 milhões de libras para assistência a refugiados e meio milhão para aquisição de equipamento militar para os efectivos moçambicanos treinados pelos especialistas britânicos.

Mugabe, o anfitrião, uma vez mais enfatizou os objectivos comuns de Moçambique e o Zimbabue na defesa das rotas comerciais dos ataques desestabilizadores dos bandidos armados.

«Se as rotas económicas moçambicanas forem destruídas, então os dois países sofrerão», disse Mugabe.

Nyanga foi o ponto mais austral (politicamente) da visita de Thatcher a esta região do Continente africano — a África do Sul foi intencionalmente eliminada do percurso oficial.

Thatcher sublinhou, no entanto, as diferenças que a separam dos líderes da Linha da Frente na aplicação de sanções contra Pretória e este mês avistou-se em Londres com o Ministro dos Exteriores de Pretória, Roelof Botha.

Chissano e a sua comitiva, que incluía o Ministro da Cooperação, Jacinto Veloso e o Chefe de Estado-

-Maior das Forças Armadas, Tenente-General Hama Thai, regressaram quinta-feira a Maputo. Thatcher partiu para norte, para o Malawi, a última etapa do seu périplo africano, depois do Marrocos, a Nigéria e o Zimbabue. — (AIM).